

O BRASIL PERGUNTA

Da vasta correspondência de FILME CULTURA selecionaremos, mensalmente — ou na medida em que surgirem perguntas de interesse geral — uma importante curiosidade a saciar. O sr. Manoel Cezar Ramos (rua Gen. Urquiza, 242, apt.º 209 Leblon), nos pergunta porque, “sòmente agora, 14 anos após «O Cangaceiro», que ganhou em Cannes e correu mundo, Lima Barreto volta à ativa?”. Na verdade, Lima Barreto jamais parou: fêz outro filme de longa-metragem («A Primeira Missa») e diversos curtos. Encaminhamos o espanto do leitor ao cineasta, que agora, realiza novo filme, «Quelé do Pajeú».

As questões de maior interesse encaminhadas a “O Brasil Pergunta” serão respondidas, em FILME CULTURA, pelas pessoas mais autorizadas a fazê-lo. Mas não é uma “caixa de perguntas”: só indagações de relevante significação aqui encontrarão resposta. As outras, na medida do possível, poderão ser respondidas por carta.

A **FILMOBIOGRAFIA** **(OU VIA CRUCIS)** **DE LIMA BARRETO**



A FILMOBIOGRAFIA (OU VIA CRUCIS) DE LIMA BARRETO

Pela última vez — última mesmo — vou delinear aqui alguns, talvez os melhores, dados biográficos e filmográficos deste caipira paulista que nada mais deseja além de um bom riacho e muitos lambaris — que, fritos, são deliciosos com polenta à maneira vêneta.

23 de Junho de 1906, às 6 da tarde, nas cercanias de Casa Branca, à beira de uma fogueira de São João, a noite mais fria do ano. Menino muito infeliz. Relaxações. Vara-de-marmelo. Colégio de padre. Expulsão por mau comportamento e desatenção ao catecismo. Depois Mackenzie College, em Araraquara. Diretores e professores muito inteligentes, amigos, liberais. Resultado: ótimo aluno.

Aqui estou.

Demoro na vida o quanto a Deus fôr servido. Se êle fôr camarada talvez eu venha a atingir o bicentenário. Vocês já viram brasileiro viver duzentos anos? Lá na Ucrânia é canja — mas aqui, com êste ar poluído e esta falta de comida, é muito difícil (pelo menos é o que afirma doutoralmente a Fundação Getúlio Vargas) passar o cara dos 63. Estou com 61. Se a FGV tiver realmente razão, só me faltam, ou faltam pra vocês, dois anos de chateação recíproca. Mas em verdade não vou muito com essa coisa de estatística, menos ainda com estatística brasileira. "O Brasil é o país menos estatístico do mundo", disse uma vez um inglês muito britânico que pretendia saber quantos filhos tem em média o nosso caçara que só come peixe. E não soube...

Em criança sonhei. Não quiseram que eu fosse aquilo que sonhava. Quis ser pintor... — não pode! Quis ser escultor... — não pode. Quis ser violinista... — não pode! "Ora pipocas! Então o que é que vou ser?" Como eu queria ser tudo em arte e não podia, amotei e fiquei esperando um milagre qualquer.

Até que um dia... Bem — a esta altura, aos 61, penso que meus pais fizeram muito bem me tratando com todos aqueles "não pode". Foi estímulo. Uma só coisa os velhos deixavam que eu fosse: padre. Disse eu, furibundo: "Não pode... ser!" E não fui padre...

Até que um dia — dizia eu — compreendi que o cinema poderia satisfazer todas as minhas ânsias. Cinema era tudo: era arte em si, era música — que já hoje para mim também é arte plástica, se não fôr a única arte — era filosofia, psicologia, arquitetura, poesia, psicanálise e psiquiatria, anatomia, medicina psicossomática, mecânica, desenho, pintura, fotografia, eletrônica, religião, cibernética. Meti os peitos e aca-

bei conhecendo tudo isso. E mais: a última das ciências — a filmologia.

No dia que percebi que o cinema tem a mesma dimensão do sonho, descobri todas as américas. Leonardo, aquele de Vinci, dera-me exemplos e me informara que o homem é amanhã o que quiser ser hoje. Uma única lição de Leonardo não pude aproveitar. Ele disse: "Se tu sarai solo tu sarai tutto tuo"... Não foi possível tomar a coisa ao pé da letra e isolar-me do mundo humano que me cerca. Tenho umbigo e sou gregário como qualquer rinoce-ronte.

Encurtemos êste introito.

Alimentando-me de sonhos, não tinha o que comer. Um dia encostei-me no José Del Picchia, irmão do Menotti e pai do Victor e do Luiz. Esses nomes estão, já hoje, dentro da história do cinema brasileiro em São Paulo. Os del-píquias, a trôco da minha ajuda, me davam, quando davam, um ou dois mil réis por dia, os quais, traduzidos em subsistência, não passavam de um maço de cigarros Yolanda e dois sanduíches — um de mortadela e outro de queijo. Isso, porém, me bastava. O que eu de melhor queria êles me davam: ver máquinas de cinema e usar máquinas de cinema — lanternas mágicas que me puseram Deus em foco.

A primeira câmera que usei foi uma Kinamo, 25 metros, alemã, excedente de guerra. Theodor Wille vendia cada Kinamo por 450 mil réis. Era uma droga. Só a objetiva é que prestava. Depois me caiu do céu uma Prevost a manivela, comprada do Campos por oito contos. Com o trambrólho fiz **Fazenda Velha**, o primeiro documentário meu de algum mérito. Quem pagou foi o DEIP, filhote do DIP. Dois contos e 300. Encostei a Prevost depois que realizei para o Alberto Byington, da Sonofilms, **O Quartzo, O Disco e O Cofre**.

Consegui uma Eyemo de uma objetiva. Estreei-a num documentário muito pitoresco, **Seu Bilhete, Por Favor**, mostrando uma viagem de trem mogiana em fora. O negativo anda por aí, levado da breca, imprestável. Qualquer dia vou repetir **Seu Bilhete, Por Favor**, já hoje em melhores condições técnicas.

Abalei-me para Santa Catarina, a realizar **Caçador de Bromélias**, para o Serviço Nacional da Malária. Não era mau. Ficou péssimo depois que Alípio Ramos o remontou para ajustá-lo à metragem exigida pelo exhibidor. Alípio era o dono da D. F. B., Distribuidora de Filmes Brasileiros. A sigla ficou famosa. Todo o mundo a conhecia. Um dia, lá nos coníuns, eu estava a filmar quando

se acercou de mim um caboclo e perguntou: "A fita que mecê tá fazendo é daquelas defedê?" Quase que eu respondi que era...

Uma vez resolvi fazer "por mi propia cuenta y riesgo" — porque ninguém se interessava pelo assunto, a documentação cinematográfica da promulgação da Constituição de 1946. Para mim o evento era muito importante e devia ser documentado pelo cinema. O Governo não deu bola às minhas pretensões. Cavei 13 contos com o Byington e fiz o maior documentário-histórico de até então, **A Carta de '46**. Está praticamente inédito. Ninguém quer exibi-lo, ninguém quer comprá-lo — nem pelo preço do custo.

Saltei para a Vera Cruz. Tanto chateei Cavalcânti, que êle resolveu pôr à prova os meus conhecimentos de cinema. Autorizou-me a fazer o curta-metragem que quisesse. Se sáisse bom, seria complemento de **Caçara**, que êle estava fazendo com o Celli.

Baixei em Cataguases e fiz, sozinho, **Painel**. Esse documentário, o primeiro de arte que se fazia no Brasil, foi aquilo que vocês viram. Vai aqui uma anedota muito interessante: quando chegou a hora de musicar **Painel**, Zampari se negou a dar-me uma orquestra. "Gastar dinheiro com uma coisinha dessa? Você está louco..." Bati na testa e berrei heureka. Fui ao despejo da Vera Cruz e pus-me a catar no caixão de lixo pedaços do negativo sonoro-musical de **Caçara**, obra de Francisco Mignone. Um pedaço aqui, um pedaço ali, fui emendando tudo e consegui o score musical para o meu **Painel**. Muita gente elogiou aquela música de Mignone. Moniz Vianna disse no **Correio** que Mignone foi muito mais feliz aqui do que em **Caçara**...

Dado o êxito de **Painel**, Zampari consentiu que eu fizesse outro documentário sobre arte. Lá fui eu para Congonhas do Campo, e, novamente sozinho, fiz **Santuário**, primeiro prêmio em Veneza. É o filme que eu mais amo. Manda o meu cabotinismo que eu declare aqui que a letra e a música da canção barroca que acompanha aquele filme barroco são daqui da nossa autoria.

Um pouco mais, e chegava a hora do famanaz. Eu vinha alimentando o propósito de fazer um longa-metragem, bem Brasil, descortinando a paisagem do cangaceirismo. Cavalcânti disse não. Zampari disse não. Edgar Batista Pereira disse não. O meu amigo Caio Pinto Guimarães, então vice-presidente da Vera Cruz, disse sim peremptoriamente. Briga pra cochorro. Até que não tive-

ram outro remédio senão atender ao imperativo histórico: fiz **O Cangaceiro**, êxito mundial e dois prêmios em Cannes.

Já dizia o outro: tudo é bom quando termina bem. Passei a ser troço na Vera Cruz. "Quer fazer **O Sertanejo**?" — perguntou Zampari. "Faça, filho mio..." Sim, eu queria, mas não havia dinheiro suficiente, apesar de **O Cangaceiro** ter rendido 30 milhões líquidos. Café Filho, solicitado a financiar **O Sertanejo**, disse sim, e Whitaker, o da Fazenda — que nunca viu cinema na vida —, disse não...

Vencendo 35 contos por mês na Vera Cruz, eu tinha que fazer alguma coisa. Bolei uma super-reportagem, de longa-metragem, em torno dos festejos comemorativos do Quarto Centenário de São Paulo. Mobilizei a Vera Cruz inteira, tôda a gente e todo o equipamento saíram à rua para realizar **São Paulo em Festa**. Está inédito, com um pé no museu...

Debacle financeira na Vera Cruz. Demissão sumária de diretores e técnicos. Fui no bólo.

Com as paredes e as gavetas cheias de prêmios e láureas — coisas que não põem feijão na mesa —, dei um mau passo na vida. Aceitei fazer **A Primeira Missa** — frustração total.

Últimamente realizei um pequenino documentário em cores, coisinha humilde, levada a cabo só para matar algumas saudades minhas. Muita gente gostou da minha **Arte Cabloca**, que mereceu um **Saci d'O Estado de São Paulo**.

Apalxonado pelas coisas ligadas à psicologia, surpreendi certa feita Mira y Lopez lá às voltas com o seu **Psicodiagnóstico Miokinético**. Sabem o que é isso? Traduzamos: diagnóstico psicológico através dos movimentos musculares. O P. M. K., sigla do revolucionário método psicanalítico, é atualmente o único processo realmente eficiente de investigação da personalidade. Como subsídio para a cultura filmológica é de extraordinária importância. Topei realizar um documentário sobre o P. M. K., para que o mundo científico viesse a saber o que ele é, como se aplica o teste e como se faz a mensuração dos dados. Com a assistência do próprio Mira y Lopez, fiz o documentário científico, de média-metragem, por conta da Fundação Getúlio Vargas. É narrado em francês, língua universal da Psicologia. Saiu excelente — com perdão da imodéstia. O P. M. K. não é fita para povo, evidentemente. Nem para médicos quaisquer. Só para quem lida com a proble-

mática da neuropsiquiatria. Porque haveria eu de me interessar tão seriamente pelo Psicodiagnóstico Miokinético? criação genial daquele brasileiríssimo espanhol que foi Emilio Mira y Lopez? Cinema e Psicologia se confundem. Psiquiatria e Subjetivismo são uma única coisa. O subconsciente coletivo da platéia se alimenta não de imagens reais, mas de imagens ideais. Tudo é sonho. Tudo é mais ou menos neurose. Fome de fantasia. Massa de gente é criança cuja fantasia faz dum sabugo de milho uma carruagem de príncipe. Mira y Lopez descobriu — e eu confirmei o teorema — que o homem, desde que nasce até que morre, realiza apenas três movimentos (miocinetismo) essenciais: movimento sagital, que vai do plexo solar à linha do horizonte, movimento horizontal, que abrange 180 graus a partir dos olhos e do ângulo umeral, e movimento vertical, que se estende do pericrânio à sola do pé. A fusão dos três movimentos (mio-kino) constitui todos os movimentos musculares que a gente faz do nascer ao morrer. Cada gesto corresponde a um pensamento. Cada pensamento tem a sua correspondência num gesto.

Isso tudo não é cinema em profundidade?

Um particular interessantíssimo do ponto de vista da cultura cinematográfica e da psicologia pura: a criancinha e o homem primitivo (o **homo sapiens** ou o silvícola) não têm noção da verticalidade. Seus movimentos são o sagital e o horizontal. Depois é que ambos, por fatores constitucionais extravitais, vão-se capacitar do céu e do inferno, do baixo e do cima...

Em suma: quem quiser fazer cinema do bom deve conhecer, pelo menos superficialmente, a lei do miocinetismo, fundamento último da Filmologia. Instintivamente, Greta Garbo se consagrou "A Divina", Chaplin se fez Carlitos, Groucho se fez o rei do histrionismo, e Buster Keaton se fez o apático, o homem sem riso e sem esgares: miocinetismo superlativado.

Já que estou com a mão na massa, ou na minha querida Olympia, vou lhes dizer o que talvez venha a fazer, se não for mentirosa aquela estatística da Fundação Getúlio Vargas:

"Quelé do Pajeú. Já em fase de produção. Todos o problemas estão sendo resolvidos pelo meu produtor Ruy Pereira da Silva e pelo diretor de produção Leo Racanelli.

"Felicidade Só Se Compra Com

Amor", a ser interpretado por meu filho Filipe. Uma doçura de história, tirada do coração, para o coração das mulheres e das crianças do mundo.

"O Aprendiz de Cangaceiro". Relato poemático e grandiloquente. Retrato do menino sertanejo na era lampeônica, quando o famoso cangaceiro era admirado e amado pelo criancada faminta com verdadeira religiosidade. Virgulino era para o menino da caatinga a representação da justiça humana. Tudo se passa durante a "marcha sobre Mosoró", que Lampião loucamente empreendeu, para vir a perder a primeira batalha da sua vida.

"A Retirada da Laguna". O maior épico-histórico da história do cinema. Planejado e decupado. Cór. Vistavision. 30 mil participantes.

"Plácido de Castro". História da Guerra do Acre, que revelou ao mundo um "napoleão" caboclo.

"Pau Brasil". Documentário romaneado em torno da Guerra dos Tamoios. "Glórias do Céu". Fundação de São Paulo de Piratininga. Nóbrega. Anchieta. Ramalho e Bartira.

"Um Certo Capitão Rodrigo". Concessão que faço a uma peça alheia, porque Érico Veríssimo foi felicíssimo no retrato do magnífico Capitão Rodrigo Cambará, aquele que estava sempre chegando de muitas guerras, a caminho de muitas guerras.

"Nos Idos de Sorocaba". Título provisório. História das mulheres de Sorocaba, as quais, na ausência dos maridos bandeirantes, sustentaram heróica batalha contra os esbirros da Côte Portuguesa.

"A Batalha do Alambique". Sátira à revolução paulista de '32.

"O Curumim". A maneira de "Platero y Yo". A câmera num lindo bate-papo com os indiozinhos do Alto Xingu.

"O Alienista". Cinematografização da estúpida novela homônima de Machado de Assis. Outra concessão.

"Cântico da Terra". Desbravamento das terras paulistas, pelos primeiros imigrantes, nos primórdios do "ciclo do café"...

... e mais: mil documentários de curta-metragem, feitos em colaboração com meu filho. Só para criança.

Eis que chegamos ao ponto final.

Talvez não realize nem um desses filmes, com exceção de **Quelé do Pajeú**.

Tenho para mim que o ideal do verdadeiro artista (serei artista?) é nunca atingir o seu ideal...